A PRODUÇÃO DESTRUTIVA E O ESTADO CAPITALISTA: O DILEMA DOS RESÍDUOS SÓLIDOS

Lucilene Aparecida Mazetti Chrysostomo, Dionilso Osvaldo Fiori Júnior, Munir Jorge Felicio

Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Núcleo de Estudos Ambientais e Geoprocessamento (NEAGEO), Presidente Prudente, SP. E-mail: lu.lu.lu@hotmail.com

RESUMO

A produção destrutiva impulsiona o dilema referente aos resíduos sólidos desde a Revolução Industrial o que torna importante discutir o posicionamento dos desdobramentos sobre o padrão contemporâneo de consumo e a unificação da sociedade na forma de agir e pensar sobre o consumo. O capitalismo desenvolveu estratégias para que simultaneamente aconteça a produção, comércio e consumo. Bem como elaborou mecanismos tecnológicos para alterar as características do produto no próprio processo produtivo em que os produtos já saem das fábricas com as suas propriedades diminuídas. As discussões aqui presentes consistem em diálogos com diversos autores com vistas à abarcar suas análises e utilizá-las para um debate sobre a produção crescente de resíduos sólidos. Contudo a alternativa seria a mudança na concepção de consumo, mas qual sociedade é capaz de modificar seu padrão de vida em prol do meio ambiente?

Palavras-chaves: capitalismo; produção; taxa de utilização decrescente; consumo.

DESTRUCTIVE PRODUCTION AND THE CAPITALIST STATE: THE DILEMMA OF SOLID WASTE

ABSTRACT

The destructive production drives the dilemma concerning solid waste from the Industrial Revolution, which makes it important to discuss the positioning of the unfolding on the contemporary pattern of consumption and the unification of society in the proper way and think about consumption. Capitalism has developed strategies for simultaneously happening in production, commerce and consumption. We have developed technological mechanisms to alter the characteristics of the product in the productive process in which the products originate from the factories as their diminished properties. The discussions here present consist of dialogues as diverse authors, in order to cover their analyzes and use them for a debate on the growing productivity of solid waste. The alternative would be the move to the concept of consumption, but which society is capable of changing its standard of living for the environment?

Keywords: capitalism; Production; Decaying usage rate; Consumption.

INTRODUÇÃO

A produção exacerbada de resíduos sólidos e seu aumento diário constituem em um dos principais problemas a afligir e problematizar as gerações presentes por colocar as futuras em risco. O crescimento econômico desenfreado e o padrão moderno de consumo estão entre as principais causas para o aumento contínuo da geração de resíduos. A busca por uma solução deve ser repensada levando em consideração aspectos históricos, culturais, econômicos, políticos, jurídicos e sociais que envolvem a produção de resíduos sólidos.

Para demonstrar como tal produção chegou ao estágio insustentável é necessário fazer um resgate histórico. Por isso, deve-se considerar a Segunda Guerra Mundial como marco significativo para questões que envolvem o consumo. Nesse período a expansão da economia atingiu números

nunca antes previstos em todas as regiões do globo. Segundo Hobsbawn (1994) esse período pós-guerra pode ser denominado de Era de Ouro do Capitalismo ou Anos Dourados.

Esse momento é marcado por duas principais características: o crescimento acelerado da economia nos países desenvolvidos e o crescimento populacional desordenado. O término da guerra propiciou ampliar o poder econômico principalmente para os países capitalistas com plenas potencialidades para o desenvolvimento tecnológico. A renda per capita cresceu de forma expressiva nos países desenvolvidos e de forma mais contida nos em desenvolvimento. As de vida cresceram igualmente. De tal modo estava constituída a produção e o consumo de massa.

A sociedade do consumo de massa transformou categoricamente a vida cotidiana. Os seres humanos tornaram-se cada vez mais dependentes de bens e ideias. A paisagem urbana e rural foi illogicamente alterada. O êxodo rural ocorreu pela ânsia da vida nos grandes centros e pela possibilidade de obter um posto de trabalho advindo do avanço do parque tecnológico. Essas tecnologias substituíram a mão de obra humana e alteraram a natureza. As pessoas tornaram-se individualistas e atrelaram ao consumo toda a expectativa de êxito e felicidade de suas vidas.

Os impactos propiciados pela Era de Ouro não ficaram restritos aos seres humanos. A irracionalidade humana em acreditar que os recursos naturais são infinitos trouxe a destruição e a extinção de espécies e biomas. Todos esses fatos decorrentes do consumo exacerbado. O capitalismo em momento algum mensurou os impactos que a sua crescente produtividade causou ao meio ambiente, como explicou Hobsbawn (1994, p.237):

[...] mal se notava ainda um subproduto dessa extraordinária explosão, embora em retrospecto ele já parecesse ameaçador: a poluição e a deterioração ecológica. Durante a Era de Ouro, isso chamou pouca atenção, a não ser de entusiastas da vida silvestre e outros protetores de raridades humanas e naturais, porque a ideologia de progresso dominante tinha como certo que o crescente domínio da natureza pelo homem era a medida mesma do avanço da humanidade.

Ao tentar caracterizar a sociedade capitalista Hobsbawn (1994) a denomina de Sociedade do Consumo, enquanto Debord (2003) a descreve como a Sociedade do Espetáculo. Debord (2003) ultrapassou o aspecto temporal e realizou um retrato fiel da atual realidade social pautada pelo consumo e pela idolatria da imagem, além de prever a invasão da economia de forma irrestrita em todas as áreas da vida humana, o avanço das tecnologias e do mundo midiático. A hegemonia capitalista é ditatorial e conduz à sociedade a se adequar ao estilo de vida preestabelecida pelo capital.

Ao unificar os pensamentos e as concepções a sociedade capitalista conseguiu inverter a realidade de tal forma que a irreabilidade atual é considerada como realidade concreta. A troca da vida por bens materiais tornou-se comumente na sociedade capitalista como se fosse o ar que se respira ou a única forma de bem viver. E esse tipo ideal de realidade implanta ou induz a falsa consciência de que esse modo de vida é correto, desejável e oportuno.

O cerne do sistema capitalista é a produção. O capital não se preocupa com o consumo, ele está preocupado com a produção, com o imediatismo. Utiliza tecnologias para que o aumento desta seja cada vez maior, melhor e mais atrativo. O processo produtivo é a fonte de vida de onde depende todo o futuro do sistema capitalista. No avanço tecnológico entra a matéria prima de um lado e do outro sai à mercadoria, que é consumida que não sabe muitas vezes o porquê de sua necessidade e finalidade. Nisto constitui o pensamento fetichizado, conforme descreve Felício (2013, p. 200-201):

[...] ao serpentear as relações sociais o capital suscita, por intermédio desses fluxos, relações fetichizadas, engendradas cotidianamente pelas

práxis indireta. Elas necessariamente são intermediadas pela comoditização do fetiche cada vez mais sedutor, que, do interior da mercadoria, impede o ser humano de se reconhecer como produto de sua própria atividade histórica e coletiva. Eis, portanto, a gênese do pensamento fetichizado. Ao emergir e evoluir vai “endeusando” o capitalismo que se sustenta por causa da sua enorme produtividade a qual, muitas vezes, é utilizada como anteparo impedindo o reconhecimento e a identificação de suas contradições geradas em seu entorno, [...].

Segundo Debord (2003, p.17), o sistema capitalista e seu modo de agir monopolizou o mundo, pois, a sua “única mensagem é ‘o que aparece é bom, o que é bom aparece’”. Garantindo e consolidando o monopólio da aparência e a aceitação passiva da sociedade. Essa artimanha é realizada com o amparo da publicidade e do marketing, que realizam trabalho primoroso, afirmando que o capitalismo é o coração da sociedade moderna, condição e o fim do sistema existente. Nesse contexto o ser humano transforma-se em subserviente, limitando sua vida ao ter, assegurando a dominação econômica que o capital exerce na sociedade. “Ele é o sol que não tem poente no império da passividade moderna. Recobre toda a superfície do mundo e banha-se indefinidamente na sua própria glória”.

O poder é a mola propulsora do capitalismo e da sociedade. Ele é utilizado para segregar e hierarquizar os seres humanos. O capitalismo entendeu a importância de manter em suas mãos o poder. E para que sua supremacia seja mantida, separou a população em classes sociais. Mais contundente ainda é a utilização do poder para a separação de classes na esfera do trabalho. O capitalismo dividiu o trabalho em duas categorias: mão-de-obra braçal e mão-de-obra intelectual. À vista disso, a desigualdade social instalou-se em todas as partes, um exército de proletariados foi criado.

A separação de classes e a proletarização da população fortaleceu o capitalismo. Trouxe a ele expansão nos mercados mundiais, crescimento econômico e crescimento da produtividade. Esses fatores contribuíram expressivamente para anulação de pensamentos críticos. Que ao longo do tempo perdeu forças para lutar e crescer. Entretanto todos esses acontecimentos foram traçados de forma técnica e especializada pela intencionalidade de quem domina o capital. Esse modelo de segregação social e do trabalho é a configuração que ele encontrou para sustentar sua soberania.

É importante destacar que a sociedade capitalista além de inverter a realidade, isola as pessoas. Debord (2003) predica que, o sistema econômico produz multidões solitárias, o individualismo criado em torno da aquisição de bens, anula e as transforma em robôs alienados. Há perda das características singulares que cada ser humano possui. As pessoas passam a mercantilizar suas vidas, e,

[...] o sistema econômico fundado no isolamento é uma *produção circular do isolamento*. O isolamento fundamenta a técnica, e, em retorno, o processo técnico isola. Do automóvel à televisão, todos os *bens selecionados* pelo sistema espetacular são também as suas armas para o reforço constante das condições de isolamento das <<multidões solitárias>>. O espetáculo reencontra cada vez mais concretamente os seus próprios pressupostos. (DEBORD, 2003, p.25. Grifos no original).

As críticas ao modelo capitalista de sociedade não podem ficar restritas apenas aos aspectos sociais e econômicos, é necessário realizar uma interface com as consequências e os impactos que essa sociedade causa ao meio ambiente. Para o capital o que importa consiste na

produção, ou seja, o capital quando define a produção organiza com ela o mercado e o consumidor, simultaneamente. Essa estrutura exige a exploração de recursos naturais como fonte de matéria prima e, após o consumo gera uma quantidade enorme de resíduos os quais impactarão tais recursos.

Somam-se às contribuições de Hobsbawn (1994), Debord (2003) as de Mészáros (1996), cujas análises almejavam compreender os desdobramentos da produção destrutiva impulsionada pelo desenvolvimento do capital, principalmente no período pós-guerra. Como divisor de águas, esse período, marcou o início de uma nova etapa distinta de produzir e consumir, principalmente pelo impulso do desenvolvimento tecnológico. Cenário esse que também contou com dois eventos de repercussão global: na década de 1970 como lançamento do satélite e na década de 1990 com a transmissão televisiva ao vivo e a cores da Guerra do Golfo.

Trata-se da confluência de dimensões socioeconômica, política, tecnológica e ambiental com o desdobramento de uma nova cultura com valores e reorganização da matriz produtiva. É importante ressaltar que no decorrer das duas grandes guerras foi proporcionado ao capitalismo o desenvolvimento de uma gama imensurável de tecnologias. Países como os Estados Unidos investiram num complexo militar industrial e conseguiram se sobressair em relação aos seus adversários.

Um novo padrão monetário fora estabelecido propiciando a reconstrução de diversos países e regiões, todavia, apenas os Estados Unidos foi um dos principais financiadores e, por essa razão, teve condições de impor seus interesses. Além disto, as empresas multinacionais se espalharam por todas as regiões globais, num dinamismo que proporcionou ao capital americano condições para consolidar sua hegemonia social, econômica, política e ideológica.

Para Mészáros (1996) a produção capitalista iniciou com a Revolução Industrial e se expandiu até as duas guerras mundiais de maneira distinta e sinaliza que a produção pré-capitalista era circular e coletiva. O ponto central dessa produção girava em torno de atender a real necessidade e em determinadas circunstâncias. A produção e o consumo somente ocorriam por serem imperativos para a sobrevivência. No feudalismo a produção seguia o padrão circular, não em série como acontece no capitalismo. Essa produção circular é realizada pelo coletivo, tendo em vista atender as necessidades internas da comunidade e da aldeia, para depois vender os excedentes de produção.

A produção capitalista verticalizou essa relação organizando e dinamizando os modos e os meios de produção, definindo, desde o início: a produção, o produto e o consumidor. Ao centralizar todas as etapas do processo produtivo, ele detém o domínio sobre o mercado, o produto e a produção. Analisando essa questão do ponto de vista social, conclui-se que a verticalização aconteceu não apenas na produção, mas em toda sociedade. As trocas que ocorriam do coletivo para o coletivo deixaram de existir.

A expansão da sociedade capitalista deve-se ao poder aquisitivo e a quantidade de bens que a pessoa possui, pois, o capitalismo determinou uma forma de controle social e de alguma maneira as pessoas fazem parte dessa relação verticalizada, orientada para o consumo.

[...] Assim, como resultado da absurda reversão dos avanços produtivos em favor dos produtos de consumo rápido e da dissipação destrutiva de recursos, o 'capitalismo avançado' tende a impor à humanidade o mais perverso tipo de existência imediatista, totalmente destituída de qualquer justificativa em relação com as limitações das forças produtivas e das potencialidades da humanidade acumuladas no curso da história(MÉSZÁROS, 1996, p.35).

Os acontecimentos supramencionados alavancaram o crescimento capitalista. A produção é o cerne do sistema capitalista, o pós-guerra com sua industrialização militar supriu todas as necessidades de mobilidade que a produção capitalista demandava para sua expansão e consolidação. Para o capital se manter no topo, algumas alterações fizeram-se necessárias. A popularização de alguns bens impulsionou o mercado de consumo. Outra artimanha desenvolvida pelo capitalismo foi à denominada produção destrutiva por intermédio da falácia da obsolescência programada.

O gênese da acumulação do capital sempre esteve ancorado na produção e, é exatamente por isso que ele desenvolveu meios para que produtos antes destinados e limitados à classe burguesa da sociedade fossem, cada vez mais, com livre acesso aos demais níveis sociais. A plena popularização fez com que o aumento da produtividade ultrapassasse expectativas antes inimagináveis. Porém, o que de fato ampliou-se foi a dependência e a necessidade de consumo. O capitalismo conseguiu transformar e comercializar materiais que antes eram de pouca valia em produtos indispensáveis e de valores vultosos.

Além de proporcionar dependência pelo consumo e atribuir a coisas insignificantes valores imensuráveis, o capitalismo desenvolveu mecanismos para que avanços na produtividade ocorressem, ampliando a produção, o parque tecnológico e o mercado. A depender da época novas tecnologias, maquinários e mão de obra deverão ser desenvolvidos para que a proporção entre a produção e o consumo seja idêntica. Todo esse aparato é sustentado para que a manutenção da produtividade em níveis altos seja constante. Segundo Mészáros (1996, p.31)

[...]a '*sociedade descartável*' encontre o equilíbrio entre produção e consumo, necessário para sua contínua reprodução, somente se ela puder artificialmente '*consumir*' em grande velocidade (isto é, descartar prematuramente) grandes quantidades de mercadorias, que anteriormente pertenciam à categoria de bens relativamente duráveis. Desse modo, ela se mantém como sistema produtivo manipulando até mesmo a aquisição dos chamados '*bens de consumo duráveis*', de tal sorte que esses necessariamente tenham que ser lançados ao lixo.

O curso proveitoso de um produto foi totalmente alterado pelo processo capitalista de produção. O período que antecedeu o pós-guerra demonstrava que o consumo era norteado pela qualidade, durabilidade e a real necessidade de aquisição de um bem. O capitalismo desenvolveu estratégias para que o consumo e a produção fossem drasticamente alterados. A taxa de utilização decrescente foi a estratégia adotada pelo capitalismo para alterar o tempo de durabilidade e a qualidade desses produtos.

Foram desenvolvidos mecanismos tecnológicos para alterar as características do produto no próprio processo produtivo. Desta forma, os produtos já saem das fábricas com as suas propriedades diminuídas, justificando que essa forma de produzir leva em consideração o acesso e a popularização de bens. Para o capitalismo essa estratégia é totalmente viável e incontestável. Os questionamentos sobre o modo ardiloso de agir, as condições que levaram ao avanço e suas potenciais implicações danosas, nunca ocorreram.

Em contrapartida uma forma diversa de produzir faria com que bens duráveis e reutilizáveis fossem restritos à parcela abastada da sociedade. Contudo é necessário destacar que a capacidade destrutiva articulada para manter a produtividade atingiu vários campos da sociedade. Essa taxa decrescente de utilização além de diminuir a qualidade e a durabilidade de bens, atingiu máquinas e equipamentos utilizados no processo produtivo e até mesmo a mão-de-obra.

A taxa de utilização decrescente é a produção destrutiva propriamente dita. A produção é direcionada para que ocorra o desperdício e a fácil deterioração do bem. A cultura de consertar aquilo que está quebrado foi totalmente sucumbida. O sistema capitalista articulou de tal forma que é mais viável economicamente adquirir um novo produto. Pois as barreiras impostas para que o conserto aconteça vão desde a falta de mão de obra especializada até a não fabricação de peças imprescindíveis para que o conserto seja realizado.

METODOLOGIA

A elaboração do artigo foi impulsionada por meio dos diálogos com diversos autores tendo em vista envolver suas análises e empregá-las as temáticas de produção capitalista e o aumento exacerbado de resíduos sólidos. A junção e os debates com esses autores serão suscitadas com a leitura de algumas de suas obras, a reflexão das suas concepções verificando a atualidade delas e debatendo as perspectivas advindas do avanço da produção capitalista.

RESULTADOS

Através das concepções, discussões, reflexões e análises dos autores, relevantes percepções parciais revelaram-se, tais como: o modelo social de consumo é todo engendrado pelo capitalismo para que este mantenha e busque sempre aumentar sua produção. O consumo realizado de forma indiscriminada tem trazido problemas sem soluções para a sociedade que amarga em busca de respostas para o problema dos resíduos sólidos. Assim, a sociedade deve repensar se o modelo habitual de consumo serve realmente suas necessidades e se este padrão deve prevalecer ou ser alterado.

DISCUSSÃO

A expansão capitalista transformou todas as relações sociais e com a natureza desenvolvendo uma realidade que lhe seja propícia. Nela há contemplação de imagens e coisas. Há a inversão da vida real e de seus valores disseminando entre as pessoas o desejo incontido pela atração irresistível da mercadoria, de tal modo de que, o mercado, a mercadoria e a ideologia foram estruturando e unificando a forma de pensar e de agir das pessoas.

CONCLUSÃO

Esses acontecimentos corroboraram contundentemente para a realidade drástica que a sociedade está atualmente inserida. As táticas engendradas pelo capitalismo para manter a cegueira contemporânea pelo consumo funcionaram e estão funcionando. O imediatismo e a rapidez com que novos produtos são lançados, causa à sociedade o impulso para consumir. A errônea concepção de que o produto é consumido ao ser adquirido, e não mais por ter sido utilizado, alterou totalmente o sentido do consumo. Como consequência desses fatos, houve o aumentando vertiginoso na produção de resíduos. Atualmente a sociedade está sendo desafiada a encontrar alternativas para reduzir a produção de resíduos. É importante encontrar alternativas críveis e viáveis para contribuir com a preservação dos recursos naturais.

REFERÊNCIA

MÉSZAROS, István. **Produção destrutiva e estado capitalista**. 2ª ed. São Paulo: Editora Ensaio, 1996.

FELÍCIO, Munir Jorge. **Apontamentos de Epistemologia Ambiental**. In: Revista GEOAMBIENTE (online): Jataí-GO, n.21, jul-dez/ 2013, p.200-201.

HOBBSAWN, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX. 1941-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Digitalização da edição em pdf originária de www.geocities.com/projetoperiferia, 2003.